

Aspectos atuais da relação entre educação e economia

A Revista Educação em Perspectiva apresenta neste número entrevista com o pesquisador professor Dr. Roberto Fini, do Departamento de Economia Internacional de Verona Itália, atualmente professor visitante na UFMG. O professor Dr. Roberto Fini é um pesquisador da área de economia e educação com ênfase às comparações internacionais dos sistemas educacionais da educação formal. Um especial agradecimento à professora Dra. Rosemary Dore Heijmans, da Faculdade de Educação - FAE/UFMG, pela mediação junto ao Professor Dr. Roberto Fini. Nesta entrevista, o professor Dr. Roberto Fini nos oferece uma reflexão muito lúcida a respeito da educação, o papel do Estado, e a função da escola para inclusão social. A entrevista, foi realizada pelo professor Dr. Cezar Luiz De Mari, professor do Departamento de Educação DPE/UFV.

Educação em Perspectiva: *Para iniciarmos nossa entrevista gostaria que falasse sobre sua atuação como professor no ensino superior da Universidade de Verona, sua trajetória acadêmica e o que significa para o Sr. ser educador.*

Fini: Meu trabalho na Universidade de Verona situa-se nos campos da política econômica e da macroeconomia internacional. Essa área tem assumido grande importância para o estudo da educação científica e acadêmica, bem como dos sistemas escolares e formativos, considerado como uma articulação de fundamental importância no desenvolvimento de um país e de seu crescimento equilibrado. Meu trabalho de pesquisa atual é especificamente sobre a economia da educação, com particular atenção às comparações internacionais dos sistemas educacionais e das escolas de diferentes níveis da educação formal, tanto do ponto de vista de suas características quantitativas, quanto na sua eficácia e eficiência.

Educação em Perspectiva: *Como o Sr. analisa hoje a escola italiana em termos de estrutura social e sistema escolar?*

Fini: Da escola italiana só podemos falar referindo-nos, pelo menos, à realidade europeia. Os sistemas educativos na Europa não estão integrados e há profundas diferenças, pelo menos até o nível do ensino secundário (ISCED 3)¹. O “Processo de Bolonha” produziu uma homogeneização parcial dos sistemas universitários em um nível formal, que resultou no sistema 3+2 (3 anos de estudos básicos + 2 anos de estudos especializados). No entanto, deve-se notar que, pelo menos na Itália, essa reforma ainda está em curso. Quanto aos níveis mais baixos (ISCED 1, 2 e 3), as questões são diferentes: o nível básico (ISCED 1) ainda é de boa qualidade, embora o desempenho esteja piorando nos últimos anos. O problema parece ser o secundário inferior (ISCED 2), que não consegue garantir a qualidade do ensino. Os resultados insatisfatórios do PISA italiano mostram que a formação de adolescentes é insuficiente, pelo menos nos locais pesquisados pela OCDE, e, provavelmente, a falta de preparação dos estudantes é o efeito de um ciclo do ensino básico não adequado. Obviamente, a má formação inicial se arrasta nos anos seguintes, influenciando a vida

escolar inteira, muitas vezes até a universidade. Os principais problemas da escola italiana são a eficácia e a eficiência. Se o nível de ensino obrigatório (até o ISCED 3 incluído) atingiu um nível comparável ao de outros países europeus, com pequenas diferenças, mas não irrelevantes; especialmente no Sul, a taxa de entrada e, acima de tudo, a taxa de conclusão do título ISCED 5 são significativamente mais baixas do que em outros países europeus, e muito abaixo dos **Objetivos de Lisboa** (20% contra cerca de 40% de Lisboa, grifo nosso)². Além disso, levantamentos como o PISA observam que uma grande proporção de adolescentes italianos não atinge nível de domínio literário julgado como adequado. Ainda assim, as poucas investigações nessa área mostram fortes diferenças sociais presentes, tanto no acesso à escolarização, quanto nos resultados. Obviamente não se trata de uma diferenciação de tipo formal, da escola italiana ser completamente aberta até níveis mais altos, mas de diferenças substanciais, porque os jovens de famílias socioeconômico-culturais carentes têm menor probabilidade de sucesso no desempenho acadêmico e no acesso ao título que aspiram.

Educação em Perspectiva: *Quais são as principais implicações das últimas reformas econômicas italianas para a sua estrutura escolar?*

Fini: As recentes reformas dos sistemas ISCED 3 (ensino médio), deixando intacta a estrutura fragmentada e orgânica, não resolveram nenhum dos problemas da escola italiana. Ou melhor, há intervenções para eliminar as inúmeras experiências que tiveram ao longo dos anos, com sucesso alternativo, reduzindo a taxa de fragmentação e tentando reverter para um sistema de maior organicidade e homogeneidade; ao mesmo tempo, não se interviu nas dimensões, como dos programas, da organização de disciplinas e de métodos didáticos. Em essência, a única mudança real foi a redução do horário escolar, reduzida em cerca de 15%; não para as necessidades educativas, mas para a redução de custos, principalmente devido à redução progressiva do número de professores.

Educação em Perspectiva: *É possível dizer que hoje a escola italiana é inclusiva, no sentido de incorporar as classes subalternas?*

Fini: Não, não é possível afirmar isso. O fato das escolas e universidades não serem gratuitas, mas pelo menos oferecerem ensino a baixo custo

para a família do aluno, não significa automaticamente que qualquer um pode acessá-las sem lidar com igualdade de oportunidades e custos implícitos. A maioria das escolas é aberta apenas durante o horário comercial de aulas, deixando o aluno livre de adquirir material didático (laboratórios, bibliotecas, computadores, internet), que nem sempre tem em sua casa, especialmente em áreas menos ricas do país. Em essência, quem vem de uma família menos rica terá muito menos probabilidades de ter sucesso acadêmico do que aqueles que vêm de uma família com mais instrumentos culturais e econômicos; a escola não remove as barreiras que a sociedade criou.

Educação em Perspectiva: *A crise econômica que parece ter uma dimensão global e que também atinge a Europa pode atingir as estruturas de formação escolares e universitárias da comunidade europeia?*

Fini: É inevitável que as consequências da crise econômica mundial também se estendam aos sistemas escolares e universitários. Um aspecto que já está em vigor – e talvez antes da crise – é a redução substancial do financiamento para a educação. Em alguns casos, essa redução se tornou necessária para racionalização dos gastos e diminuição

do desperdício, mas, na maioria dos casos, foi um corte “horizontal” e indiscriminado por causa das pressões conflitantes de *lobbies* que tentaram “retirar” outros assuntos do peso de tais racionalizações. Nesses casos, a experiência mostra que muitas vezes os mais fracos e sem representação política eficaz são aqueles que sofrem mais cortes de gastos. Além disso, o bom senso deveria ter conduzido a racionalização e redução de despesas, permitindo um aumento na qualidade. Em muitos casos, o oposto ocorreu, como quase sempre acontece quando os cortes são horizontais. Hoje, os problemas da educação na Europa são reduzidos a dois: equidade e eficácia. No primeiro problema não se intervém com suficiente incisão, deixando, assim, o nó não resolvido da contribuição que a educação pode oferecer para um desenvolvimento social equilibrado; sobre o segundo problema, é preciso esperar mais alguns anos antes de afirmar com certeza se os sistemas educativos europeus sofreram com os cortes de gastos.

Educação em Perspectiva: *Gostaríamos que o Sr. comentasse sobre o seu livro, lançado em 2008, intitulado: Atlante dell’Istruzione in Europa.*

Fini: O Atlas foi uma tentativa de comparar os sistemas educativos europeus, em particular para o nível 3 da ISCED, que coincide em quase toda a Europa com a escolaridade obrigatória. Tentamos investigar os problemas típicos de economia da educação: o desempenho individual e a qualificação social, as taxas de graduação, evasão escolar ou fracasso. O livro mostra uma grande diversidade entre os países europeus que é cuidadosamente investigada de forma a sugerir boas práticas para seguir e, também, o que abandonar. Atualmente, está em preparação um Atlas da educação superior, especialmente destinado a investigar a evolução do **Processo de Bolonha**³, além de outro volume dedicado a um panorama internacional (e não apenas europeu) sobre os Pós-Doutorados - Ph.D. Esses estão tendo cada vez mais importância na formação de pesquisadores e na abrangência internacional que o sistema universitário de um país deve adquirir (*grifo nosso*).

Educação em Perspectiva: *O Sr. atualmente tem participado de uma importante pesquisa que busca reconhecer as razões do abandono escolar dos jovens que frequentam os cursos de formação*

profissional. Quais resultados o Sr. tem observado nessa pesquisa e quais perspectivas observa na formação profissional dos países em desenvolvimento analisados?

Fini: O problema da evasão escolar e, mais genericamente, o encerramento precoce na formação acadêmica, sem a conclusão dos estudos, é um problema que caracteriza todo o sistema de educação e das escolas. A experiência internacional mostra que esses fenômenos estão sobrerrepresentados nos setores da educação profissional. Um primeiro resultado, certamente não secundário, mas ao mesmo tempo muito limitado, é o tratamento quantitativo do fenômeno; essa pesquisa deve ser tão precisa quanto possível e precisa identificar os endereços das escolas onde os fracassos profissionais se concentram mais. Mas a relevância quantitativa importa apenas em uma parte minoritária do trabalho de pesquisa. Uma vez definida a dimensão quantitativa dos fenômenos, procede-se na investigação das causas. A pesquisa internacional deve ser integrada com o estudo local, mostrando que as causas do insucesso escolar podem ser atribuídas a dois fatores: inadequação do currículo; e má formação dos professores e dirigentes escolares. Obviamente

os dois casos identificados são relacionados uns aos outros. O currículo não é uma ferramenta básica isolada e é realizado rotineiramente pelos professores; isso significa que um currículo não adequado pode ser suficiente para melhorar a qualidade da escola se os professores são capazes de interpretá-lo e melhorá-lo em sua prática diária. Já o oposto não é verdadeiro. A falta de treinamento dos funcionários da escola não pode ser substituída por uma boa qualidade do currículo. A pesquisa coordenada pela professora Rosemary Dore, da UFMG, visa considerar o problema da evasão a partir das atitudes dos diferentes intervenientes: alunos, professores e gestores. É uma busca que vai muito além da simples investigação do fenômeno em Minas Gerais-MG, porque se propôs a testar práticas de investigação que podem ser generalizadas e que ainda podem servir de base para a discussão e o planejamento em termos de políticas educacionais.

Educação em Perspectiva: *Como o Sr. analisa as políticas econômicas dos últimos 10 anos no Brasil, bem como os impactos que elas representaram no crescimento econômico brasileiro?*

Fini: O Brasil está prestes a se tornar – e em parte já é – uma das principais potências econômicas mundiais. A política econômica brasileira é – pelo menos aos olhos de um observador atento – diversa e talvez contraditória. A voltada para o ambiente de negócios e, sem dúvida, eficaz, tem produzido resultados notáveis em termos do peso que a economia brasileira tem tido, tanto no continente quanto no nível global. Até agora tem sido muito menos eficaz a política econômica em termos de melhoria do sistema de bem-estar⁴. O mercado de trabalho está fragmentado e ainda não adequado para o crescimento quantitativo da economia brasileira, os salários são baixos, enquanto os custos trabalhistas são altos, devido aos gargalos no sistema como um todo. O resultado pode ser um aumento de preços não acompanhado no aumento dos salários e, portanto, um avanço na desigualdade e na intensificação do conflito social. O que o Brasil deve evitar é tomar o caminho seguido no passado por muitas economias, incluindo a Itália: o crescimento econômico, utilizando de forma excessiva a elevação da dívida pública e de emissão monetária. Por enquanto, há sinais nessa direção, mas o nível de inflação é mantida

sob controle. Desse ponto de vista e do papel da independência do Banco Central do Brasil, parece estar melhorando. De outro lado, deve-se prestar mais atenção à qualidade de vida e ao crescimento do capital social. Estudos internacionais sobre o Brasil demonstram que o país está entre os primeiros no nível de renda produzida, mas muito atrás em relação à renda per capita e às características de qualidade de vida; aproximar-se desses indicadores parece ser um desafio significativo.

Educação em Perspectiva: *Que mudanças o Sr. observa na estrutura educacional brasileira nos últimos 10 anos?*

Fini: As mudanças são evidentes. O Brasil tem um sistema educacional de bom nível, embora em comum com outros países tenha indicadores negativos tais como as taxas de evasão e fracasso escolar. Na classificação internacional sobre os resultados do ensino superior, as universidades no Brasil não aparecem muito atrás, especialmente se considerarmos que esses *rankings* seguem o modelo para garantir um bom desempenho, especialmente aos universitários de língua inglesa. A esse respeito, deve-se notar que o Inglês é ainda mal compreendido e isso limita a exposição

internacional de pesquisadores e professores no Brasil. A próxima geração terá necessariamente que levar em conta esse problema.

Educação em Perspectiva: *Como o Sr. analisa os impactos da rodada do General Agreement on Tariffs and Trade-GATT, ocorrida em 1994, no Uruguai, para a educação dos países em desenvolvimento quando a mesma é localizada na área dos serviços/commodity?*

Fini: O GATT é uma ferramenta poderosa para a integração dos mercados em escala global e, ao mesmo tempo, um instrumento para a divisão internacional do trabalho. O perigo que países como o Brasil devem evitar é um excessivo desdobramento da política econômica, comercial e educacional puramente na lógica do mercado. Com particular referência ao desenvolvimento, devemos ter o conhecimento de três coisas:

- a. O mercado não é a única realidade que permite o desenvolvimento e, em alguns casos, produz distorções e desequilíbrios;
- b. Desenvolvimento não deve ser entendido apenas no sentido quantitativo: o crescimento econômico é importante e serve para corrigir os *gaps* de renda, especialmente em benefício das

classes sociais mais débeis, mas não se limitar a esse; e

c. O papel dos sistemas de ensino é maior em países orientados para o setor de serviço ou que tendem a “saltar” a transição para o secundário que tem caracterizado historicamente as economias europeias; os sistemas educativos devem capacitar os jovens para lidar adequadamente com um crescimento tecnológico e uma multiplicidade de estilos de vida e trabalho nunca experimentados antes.

Educação em Perspectiva: *Para finalizarmos, gostaria que o Sr. comentasse sobre a importância da escola e da universidade pública para a formação das futuras gerações de jovens.*

Fini: O que respondi na questão acima demonstra a importância dos sistemas de educação e é paradoxal que grande parte dos debates de hoje se centrem na falsa questão dos sistemas de ensino privado. Em primeiro lugar, salvo exceções, esses sistemas privados são limitados em termos de tamanho e envolvimento dos jovens. Em segundo lugar, o aspecto mais importante não se trata de julgar um sistema de educação a partir da natureza jurídica das instituições, mas considerando

a natureza de “bem público” da educação. De modo mais geral, as políticas econômicas que visem à formação da geração mais jovem ainda não encontraram um bom substituto para um sistema público abrangente de educação, especialmente para os níveis não-universitários. O ponto-chave não está vinculado à permissão das instituições privadas em oferecer serviços educacionais, mas fazer de tal modo que o sistema público garanta, em qualquer caso, uma educação de qualidade em todos os níveis. Especialmente a eventual presença de um sistema de ensino privado não deve ficar a cargo da comunidade, que já sustenta, por meio dos impostos, a estrutura pública: aqueles que querem oferecer acesso à educação privada devem fazê-lo por conta própria e não sobrecarregar o próprio estado com essa escolha. Mas, em muitos países, o sistema de educação privado é percebido como “melhor” que o público. Em vários casos, isso não é verdade. Esse é um problema que deve ser desconsiderado e o estado deve assegurar um sistema de educação de alta qualidade. E se o sistema privado também garante qualidade, essa será uma vitória para todos. O que não deve acontecer é que os governos, para incentivar o sistema privado, reduzam

o financiamento às escolas públicas, como está acontecendo na Itália e, de uma forma diferente, na França e nos EUA.

NOTAS

1. ISCED (1, 2, 3, 4, 5 e 6) (*International Standard Classification of Education*) refere-se aos níveis do sistema escolar italiano, também adotados na Europa, correspondendo no sistema educacional brasileiro a seguinte ordem: 1 primeiro estágio do ensino fundamental; 2 segundo estágio do ensino fundamental; 3 ensino médio; 4 pós-médio profissionalizante; 5 primeiro estágio do ensino superior ou terciário, incluindo licenciatura, bacharelado e mestrado; e 6, doutorado.
2. O Tratado de Lisboa corresponde aos acordos políticos e comerciais entre os países membros da Comunidade Europeia, em vigor desde dezembro de 2009.
3. O Processo de Bolonha foi instituído com a assinatura da Declaração de Bolonha, em 2009, por 29 estados europeus. Tem por objetivo tornar inteligíveis e comparáveis a formação do ensino superior dos países que a subscrevem, promovendo o ensino superior europeu, fortalecendo a mobilização e a cooperação, em particular no campo da avaliação e qualidade.
4. O *Welfare State* ou Estado do Bem-estar social foi implementado na Europa após a Segunda Guerra, baseado no pensamento de Maynard Keynes; sistema em que a organização da economia e a promoção social são regidas pelo Estado. A literatura sobre o tema demonstra que no Brasil, diferentemente dos países da OCDE, o Estado do Bem-estar social nunca chegou a se concretizar.